Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento 244
ISSN 1678-2518
Dezembro, 2016

Cicloturismo e Agroecologia: Vetores para a Sustentabilidade Territorial

Embrapa

ISSN 1678-2518
Dezembro, 2016

Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Embrapa Clima Temperado
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento 244

Cicloturismo e Agroecologia: Vetores para a Sustentabilidade Territorial

Joel Henrique Cardoso
Leandro De Melo Karam
Jaqueline Sgarbi Santos

Embrapa Clima Temperado
Pelotas, RS
2016

Exemplares desta publicação podem ser adquiridos na:

Embrapa Clima Temperado
Endereço: BR 392, Km 78
Caixa postal 403, CEP 96010-971 - Pelotas/RS
Fone: (53) 3275-8100
www.embrapa.br/clima-temperado
www.embrapa.br/fale-conosco/sac/

Comitê de Publicações da Embrapa Clima Temperado
Presidente: *Ana Cristina Richter Krolow*
Vice-Presidente: *Enio Egon Sosinski Junior*
Secretária: *Bárbara Chevallier Cosenza*
Membros: *Ana Luiza Barragana Viegas, Fernando Jackson, Marilaine Schaun Pelufê, Sonia Desimon*

Revisão de texto: *Eduardo Freitas de Souza*
Normalização bibliográfica: *Marilaine Schaun Pelufê*
Editoração eletrônica: *Nathália Coelho (estagiária)*
Fotos: *Joel Henrique Cardoso*

1ª edição
1ª impressão (2016): 30 exemplares

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Embrapa Clima Temperado

C268c Cardoso, Joel Henrique
Cicloturismo e agroecologia: vetores para a sustentabilidade territorial / Joel Henrique Cardoso, Leandro de Melo Karam, Jaqueline Sgarbi Santos. - Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2016.
26 p. (Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento / Embrapa Clima Temperado, ISSN 1678-2518 ; 244)

1. Ecologia vegetal. 2. Turismo. 3. Agricultura familiar. I. Karam, Leandro de Melo. II. Santos, Jaqueline Sgarbi. III. Título. IV. Série.

CDD 630.277
©Embrapa 2016

Sumário

Resumo 5
Abstract 7
Introdução 9
Material e Métodos 10
Resultados e Discussão 16
Considerações Finais 23
Referências 25

Cicloturismo e Agroecologia: Vetores para a Sustentabilidade Territorial

***Joel Henrique Cardoso*[1]**
***Leandro De Melo Karam*[2]**
***Jaqueline Sgarbi Santos*[3]**

Resumo

Este artigo apresenta a trajetória de uma ação de cicloturismo rural agroecológico que vem sendo realizada no território da Serra dos Tapes, que está situado na Serra do Sudeste, metade sul do Rio Grande do Sul. Apesar de ser uma experiência recente, evidencia-se que a agricultura e o rural são capazes de cumprir outros serviços em benefício das populações urbanas territoriais e extraterritoriais. O projeto centra-se na ideia do agroturismo, que se vale de dinâmicas sociais que possibilitam a estruturação de serviços turísticos ambientados na realidade socioprodutiva de famílias agricultoras residentes em áreas rurais. Além de valorizar os bens e serviços prestados pelo rural e famílias agricultoras, o trabalho discute o potencial do cicloturismo rural agroecológico enquanto estratégia de aproximação entre atores sociais e instituições rurais e urbanas, com destaque para os movimentos de ciclocidadania e mobilidade urbana e das famílias agricultoras agroecológicas. O projeto já está em execução há mais de um ano e meio e já contabiliza 11

[1] Engenheiro-agrônomo, doutor em Agroecologia, pesquisador da Embrapa Clima Temperado, Pelotas, RS.
[2] Biólogo, fundador do Movimento Pedal Curticeira, Pelotas, RS.
[3] Engenheira-agrônoma, doutora em Agronomia, (UFPel/DCSA), Pelotas, RS.

eventos realizados, com uma média de público de 26 pessoas em 2014 e 32 pessoas em 2015, o que demonstra que a interação entre o Movimento Agroecológico (rural) e de Ciclocidadania (urbano), por meio do cicloturismo rural, além de gerar renda estimula boas práticas de produção, consumo e mobilidade.

Termos para indexação: agricultura familiar; mobilidade urbana, capital social; territorialidade; agroturismo.

Bicycle Touring and Agroecology: Factors for Territorial Sustainability

Abstract

This paper presents the advances of an agroecological rural bicycle touring has been carried out within the Serra dos Tapes, which is situated in Serra do Sudeste, in the southern half of Rio Grande do Sul. Despite being a recent experience, it is evident that agriculture and rural life are able to fulfill other services for territorial and extraterritorial urban populations. The project focuses on the idea of agritourism, which relies on social dynamics that enable the structuring acclimatised tourist services in socio-productive reality of farming families living in rural areas. In addition to value the goods and services provided by rural and farming families, the paper discusses the potential of agro-ecological approach while touring rural strategy among social actors and rural and urban institutions, especially the movements of cyclists and urban mobility and agroecological farmers families. The project has been happening for one and a half year now and eleven events took place during this period. The average of each event has been 26 people in 2014 and 32 people in 2015. These facts shows than the interaction between the Agroecology Movement (rural) and Mobility Urban through rural tourism, besides improve profitable, shift good practices of

production, consumption and mobility.

Index terms: *farming families; urban mobility; social capital; territoriality; agritourism.*

Introdução

Este estudo explora a experiência de realização do 'Projeto Roteiros Agroecológicos de Cicloturismo Rural no Território da Serra dos Tapes'[1] enquanto uma ação inovadora de agroturismo (GUZATTI, 2010). Essa atividade evidencia a possibilidade de uma 'nova ruralidade' (FAVARETTO, 2010; VEIGA, 2004), que além da produção primária, possui inúmeros predicados para prestar outros serviços à população do território e de outras realidades.

O projeto consiste na condução de grupos de ciclistas urbanos até espaços rurais, onde são realizados roteiros que incluem incursões de bicicleta em uma ou mais propriedade familiar em transição agroecológica, oportunizando a vivência rural e o conhecimento das práticas produtivas.

Mais do que apontar o agroturismo como um novo serviço prestado pelas populações rurais às populações urbanas, a atividade se vincula a ideia de complementariedade política entre atores rurais (movimento das famílias agricultoras agroecológicas) e urbanos (movimentos de ciclocidadania), apontando esses movimentos como vetores do desenvolvimento territorial.

Para Guzatti (2010, p. 250), o agroturismo é:

> "*um segmento do turismo desenvolvido no espaço rural por agricultores familiares organizados, dispostos a compartilhar seu modo de vida, patrimônio natural e cultural, mantendo suas atividades econômicas, oferecendo produtos e serviços de qualidade, valorizando e respeitando o ambiente e a cultura local e proporcionando bem-estar aos envolvidos.*"[2]

---

[1] O Projeto Roteiros Agroecológicos de Cicloturismo Rural no Território da Serra dos Tapes consiste em uma ação ecopedagógica que integra a programação de pesquisa da Embrapa Clima Temperado, por meio do Projeto Construção Participativa de Sistemas Agroflorestais. Além da Embrapa são realizadores dessa ação o Movimento Pedal Curticeira, a Associação Rural dos Produtores Agroecológicos da Região Sul (ARPA-Sul) e o Comércio de Bicicletas JL Casarin.

[2] Conceito elaborado pela Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia.

Além de introduzir uma prática inovadora, essa ação persegue a ideia de contribuir para o desenvolvimento de uma "nova territorialidade' (FAVARETTO, 2010), que se materializa na valorização da agroecologia e do ciclismo como práticas de baixo impacto ambiental, promotoras da saúde e qualidade de vida. Os eventos aproximam e valorizam os atores e instituições urbanas e rurais, comprometendo-se reciprocamente com as questões referentes a mobilidade urbana, segurança alimentar, saúde e qualidade de vida.

O trabalho aqui apresentado consiste em um processo de pesquisa-ação (THIOLLENT, 2000) que vem experimentando o cicloturismo rural agroecológico como estratégia de aproximação e complementaridade entre pessoas e instituições urbanas e rurais do território da Serra dos Tapes, Rio Grande do Sul.

Materiais e Métodos

A Serra dos Tapes caracteriza-se como a porção da Serra do Sudeste que está localizada na margem sul do Rio Camaquã (Figura 1), englobando os relevos mais acidentados (100 m a 400 m) daquela zona, que originalmente estava coberta por florestas (Florestas Estacionais Semideciduais). Essa região, como a maioria das terras destinadas à colonização no Sul do Brasil, foi densamente povoada por imigrantes europeus não portugueses a partir de 1850 (SALAMONI, 2013).

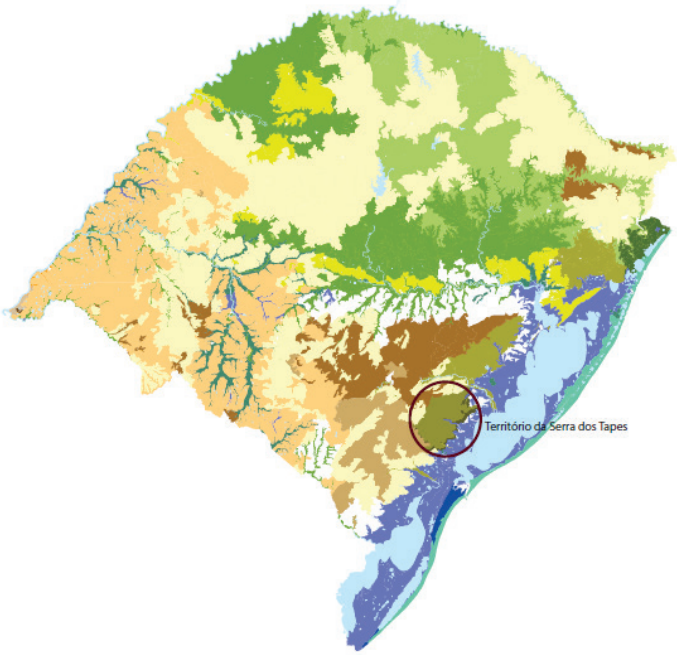

Figura 1. Mapa do Rio Grande do Sul, Brasil, com destaque para a área circulada localizando o Território da Serra dos Tapes.

Apesar do termo Serra dos Tapes não ser utilizado pela população local para referendar o espaço geográfico em questão, percebe-se que as similaridades ambientais e histórico-culturais dessa região imprimiram aos diversos grupos étnicos (indígenas; não indígenas de antes de 1850 - portugueses, espanhóis, africanos; não indígenas após 1850 - pomeranos, italianos, franceses, poloneses), um conjunto de referências que permitem o autorreconhecimento e definição de uma identidade que possibilita situar a realização desse projeto no 'Territóro da Serra dos Tapes'. Essa ação é organizada pelo Movimento de Ciclocidadania 'Pedal Curticeira' e pela Embrapa Clima Temperado, que conta com o apoio do comércio local de bicicletas (JL Casarin) e

da Associação Regional de Produtores Agroecológicos da Região Sul (Arpasul).

Até o momento, os estabelecimentos rurais que participam do projeto estão localizados nos municípios de Pelotas, Canguçu, Morro Redondo, Turuçu e São Lourenço do Sul. Em síntese, os eventos de cicloturismo rural consistem em visitações previamente agendadas de pessoas do espaço urbano à realidade rural, que tem como referência uma família ou grupo de famílias inseridos na produção de alimentos agroecológicos.

A preparação dos eventos consiste na sensibilização das famílias agricultoras, que tem sido feita de forma coletiva, por meio de reuniões com os grupos de agricultores feirantes que integram a Associação Arpasul e também individualmente, quando a família em questão não é feirante mas foi identificada como potencial receptor de atividades de cicloturismo. Fato que se avalia como positivo uma vez que a inclusão de outras famílias não sócias da Arpasul reduz os riscos de o projeto promover atitudes individualistas de exclusão dos que estão fora da organização, o que Putnam (2005) descreve como dark side do capital social.

O processo de divulgação cumpre a função ecopedagógica de sensibilizar indivíduos e instituições para uma nova postura frente aos bens do território. Além do processo da divulgação ampla do projeto, que se utiliza dos diversos meios de comunicação, como jornais, revistas, rádio, televisão e internet, chama-se a atenção para o fato de que a divulgação dos eventos e contato com o grupo de ciclistas urbanos se dá prioritariamente por meio das redes sociais da internet[3]. Além dos meios de comunicação, outro elemento que aproxima os ciclistas são as próprias pedaladas noturnas, que acontecem na cidade

de Pelotas e zona periurbana duas vezes por semana, e que também se valem das redes sociais da internet para se organizarem.

[3] Ver em https://www.facebook.com/RoteirosAgroecologicos

Elementos e condições para a ação

Inicialmente, deve-se dizer que o desenvolvimento dessa ação no contexto da Serra dos Tapes só foi possível graças a um processo de organização social e à existência de uma densidade institucional que trabalham mutuamente na conformação do território, mas que precisam ser mais bem explorados pelos agricultores familiares agroecologistas e por grupos organizados do espaço urbano, com destaque para os movimentos de ciclocidadania e mobilidade urbana.

Estamos falando do território enquanto espaço multidimensional, de difícil apreensão, mas que em síntese pode ser descrito como "local" de possibilidades (RAFFESTIN, 1993, p. 144, aspas do autor). A partir dessa noção, percebe-se que os espaços de feiras-livres, ciclovias, a opção pela bicicleta ou por um produto agroecológico deixam de ser simples opções e passam a estabelecer fronteiras, territórios e normativos comportamentais para quem integra esses movimentos.

O movimento agroecológico vem se estruturando na região de Pelotas, RS, desde o início da década de 1990, havendo algumas propriedades que iniciaram o processo de transição há mais de 20 anos. Paralelamente à produção, os agricultores tem se organizado para efetuar a comercialização, sendo as feiras de produtos agroecológicos um dos espaços de maior visibilidade desse processo frente à população urbana (ANJOS et al., 2005; BUCHWEITZ; MENEZES, 2003).

Os feirantes estão organizados por meio da Associação Rural de Produtores Agroecológicos da Região Sul – ARPA-SUL, que foi uma instituição estratégica para a organização dos eventos de cicloturismo rural, uma vez que esses agricultores já possuem uma larga trajetória na agroecologia, além de a prática como feirantes lhes dar uma grande facilidade para se relacionar com o público.

Nesse contexto, a área de Sistemas Agroflorestais da Embrapa Clima Temperado foi em busca de parceiros para desenvolver atividades turísticas que servissem como estratégias múltiplas de divulgação da produção agroecológica, valorização da autoestima das famílias e remuneração de ativos não valorizados no mercado, como os fragmentos florestais, corpos de água, paisagens e elementos da biodiversidade existentes nos agroecossistemas e seu entorno (ECHEVERRI PERICO; RIBEIRO, 2005).

Após algumas tentativas de aproximação com praticantes da observação de pássaros, houve a demanda de organização de atividades de cicloturismo rural por parte do Movimento Pedal Curticeira. Tal instituição consiste em um coletivo de ciclistas da cidade de Pelotas preocupados com o planejamento e a mobilidade urbana, e que regularmente se encontram para pedalar pela cidade e entorno, havendo alguma experiência na organização de passeios nas áreas rurais e municípios vizinhos.

Além de explorar o roteiro de visitação nas propriedades, a equipe organizadora avalia o nível de dificuldade das estradas vicinais, as distâncias e o tempo previsto para cumprir o roteiro em grupo (Figura 1), considerando a heterogeneidade dos participantes, de modo a não exigir esforços exagerados, pois a priori desconhece-se o condicionamento físico e a habilidade em terrenos acidentados e de relevo acentuado que caracterizam os trajetos visitados. Para atenuar dificuldades, os ciclistas dispõem de carro de apoio, suporte mecânico e hidratação durante os passeios.

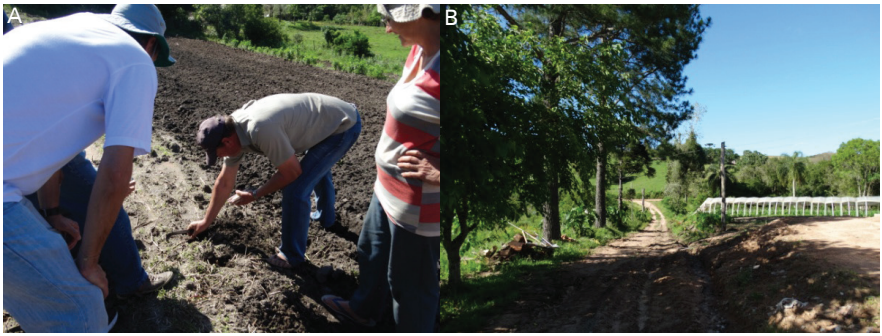

Figura 2. Registros fotográficos da visita preparatória aos eventos de cicloturismo rural. **A**: Membros da família demonstrando a colheita do aspargo para que essa atividade fosse inserida no roteiro de visitação ao estabelecimento. **B**: Caminho rural percorrido pela equipe e membros da família previamente ao evento.

Quanto aos roteiros de bicicleta, chama à atenção o risco de acidentes da atividade. O esforço da equipe é eliminar tais episódios, de forma que os ciclistas são orientados a utilizar equipamentos de segurança e a fazer os trajetos em grupo em velocidade de passeio, ainda que as condições do terreno sejam propícias para a prática de mountain bike (MTB) (Figura 2).

Figura 3. Caracterização dos cicloturistas e paisagens visitadas por meio das atividades de cicloturismo rural agroecológico.

Resultados e Discussão

No momento, os eventos de cicloturismo já estão no seu segundo ano de execução, contabilizando em seu currículo sete atividades executadas em 2014 e outras quatro no primeiro semestre de 2015, estando previstas até o final de 2015 mais seis atividades, totalizando 17.

No primeiro ano de atividades, foram agendados oito eventos, dos quais um foi cancelado. Os resultados apresentados na Tabela 1 referem-se ao ano de 2014 e na Tabela 2 ao ano de 2015.

Tabela 1. Período, propriedades familiares, número de participantes e receitas geradas de cada um dos sete eventos realizados em 2014 com as atividades de cicloturismo rural em propriedades em transição agroecológica da Serra dos Tapes: Pelotas, RS, 2014.

Período	Propriedades familiares	Nº participantes	Valores Gerais
15 e 16/ mar	Acampamento de abertura no Sítio Amoreza - Afonso Pena, Morro Redondo	19	R$ 1.425,00
06/abr	Famílias Leal e Ferreira – Coxilha dos Silveira, Canguçu	30	R$ 1.050,00
04/mai	Templo das Águas – Colônia São Manoel, Pelotas	20	R$ 760,00
08/jun	Família Schiavon – Colônia São Manoel, Pelotas	27	R$ 945,00
14/set	Família Scheer – Rincão da Caneleira, Morro Redondo	27	R$ 1.080,00
19/set	Família Storch - São Domingos, Turuçu	30	R$ 1.050,00
14/dez	Evento de Encerramento 2014, Embrapa Sede e Estação Experimental Cascata	27	R$ 945,00
Total	**7 eventos**	**180**	**R$ 7.255,00**

Durante o ano de 2014, o ganho médio com cada evento foi de R$ 1.032,00 (um mil e trinta e dois reais), com participação média de 26 participantes, que pagaram R$ 40,00 (quarenta reais) por evento, sendo que a primeira atividade teve um custo de R$ 75,00 (setenta e cinco reais), em função de ter sido realizada em dois dias e incluir pernoite.

Tabela 2. Período, propriedades familiares, número de participantes e receitas geradas de cada um dos sete eventos realizados em 2015 com as atividades de cicloturismo rural em propriedades em transição agroecológica da Serra dos Tapes: Pelotas, RS, 2015.

Período	Propriedades familiares	Nº participantes	Valores Gerais
22/março	Comunidade Agroecológica do Remanso/Canguçu	36	R$ 1.680,00
12/abril	Colônia São Manoel/Pelotas	25	R$ 1.170,00
17/maio	Coxilha dos Campos/dos Silveira/ Canguçu	44	R$ 2.200,00
14/junho	Santo Amor e Afonso Pena/Morro Redondo	20	R$ 900,00
Total	**4 eventos**	**125**	**R$ 5.950,00**

No primeiro semestre de 2015, foram realizados quatro eventos, o ganho médio de cada evento foi de R$ 1.487,50 (um mil quatrocentos e oitenta e sete reais e cinquenta centavos), com participação média de 32 participantes, que pagaram R$ 47,60 (quarenta e sete reais e sessenta centavos) por evento, o que aponta que as atividades de cicloturismo rural em unidades de produção agroecológica permanecem atraindo o público, ainda que muitas das propriedades estejam sendo visitadas pela segunda vez.

Além do retorno econômico auferido às famílias agricultoras e à coordenação do Movimento Pedal Curticeira, esse projeto demonstra

a viabilidade de parceria público-privada na dinamização de atividades de interesse mútuo, o que dialoga com a ideia de Abramoway (2002) quando aponta a perspectiva de Abu-El-Hay (1999 citado por ABRAMOVAY, 2002) como alternativa ao pensamento 'culturalista'[4] de Putnam (2005), quando defende a possibilidade de avanços democráticos e de formação rápida de capital social em países em desenvolvimento, uma vez que as instituições públicas estabeleçam uma relação mais horizontal com as organizações da sociedade civil (ABRAMOWAY, 2002). Como demonstração do avanço nas relações de confiança e formação de capital social, vale destacar a sensibilização do público em geral com relação às ações praticadas pela Embrapa e Associação ARPASUL no que tange à visibilidade dos trabalhos em agroecologia, assim como por parte do Movimento Pedal Curticeira e JL Casarin, instituições diretamente interessadas em promover o uso da bicicleta.

Em síntese, pode-se dizer que esse processo tem permitido um amplo aprendizado por parte de todos os envolvidos. Ao longo dos 18 meses de execução do projeto, a equipe executora e famílias de agricultores estabeleceram um conjunto de procedimentos padrões no que concerne à preparação, divulgação e execução dos eventos.

O aprendizado sobre a execução dos eventos tem sido permanente, uma vez que se trata de uma atividade inovadora que possui inúmeras particularidades quanto à execução a campo. Para iniciar deve-se dizer que os eventos de cicloturismo rural no formato que aqui se

[4] O culturalismo foi um termo cunhado pelos economistas neoinstitucionalistas para descrever o pensamento das correntes institucionalistas frente ao conceito de 'Capital Social', que tem em Robert Putnam seu mais reconhecido teórico. Em síntese, Putnam e seus seguidores defendem que as sociedades com maior aprendizado institucional, que é fruto de uma longa história de relações de reciprocidade e confiança, são as que melhor respondem às ações do estado moderno, enquanto que nas realidades com baixo capital social os esforços voltados para o bem público, com destaque para as políticas públicas e ações privadas voltadas ao bem comum, tendem a ser muito menos efetivos.

apresenta necessitam obrigatoriamente de meios de transporte para aproximar as pessoas e bicicletas do local onde serão desenvolvidas as atividades. O custo desse serviço oneraria significativamente os eventos, a ponto de elevar o valor das inscrições em 50%, de forma que na atual conjuntura a atividade depende da parceria público-privada, com destaque para a Embrapa, que aloca sem custos um ônibus e um caminhão.

O apoio da Embrapa demonstra a relevância da participação de uma instituição pública, por mais que o grau de dependência coloque em risco a autonomia dos demais atores sociais, com destaque para os agricultores familiares agroecológicos e movimentos de ciclocidadania.

A logística de organização dos eventos prevê a preparação, execução e apresentação dos resultados. A preparação consiste em todo um conjunto de ações que incluem a sensibilização das famílias agricultoras e do público interessado para que o evento aconteça de acordo com o planejado. Neste conjunto de ações, destaca-se a visita prévia ao estabelecimento, que consiste em visitar a família e o seu agroecossistema, que em síntese é a área de terras que ela maneja. Esse processo deve acontecer com algumas semanas de antecedência ao evento, de forma a possibilitar as famílias e equipe organizadora o tempo necessário para ajustar detalhes e promover a atividade.

Em síntese, a preparação consiste em reforçar os princípios norteadores do agroturismo com os membros das famílias para que estes explorem as práticas e processos desenvolvidos por eles como atrativo turístico que, somados às demais potencialidades turísticas existentes no estabelecimento e entorno, possibilitam uma experiência turística inovadora e carregada de conceitos aos visitantes. Para tanto, os agricultores devem estar cientes de que, mais importante do que apresentar curiosidades para os visitantes, quer-se explorar as suas atividades rotineiras que vão marcadas

com especificidades e modos de fazer que lhes diferenciam e dão notoriedade frente ao público visitante.

Nesse processo, os princípios agroecológicos da produção de alimentos são evidenciados de maneira sutil e cuidadosa, de forma que o agroturismo desempenha um papel importantíssimo de avaliação da qualidade, podendo-se dizer que os eventos de cicloturismo rural acabam cumprindo em certa medida a função de processo de certificação participativa (Figura 3), uma vez que as famílias agricultoras comercializam sua produção diretamente aos consumidores por meio das feiras livres, o que pretende afirmar que o agroturismo nos moldes desenvolvidos contribui para a estruturação de um sistema agroalimentar territorial (PEREZ-CASARINO; FERREIRA, 2013).

Figura 4. Caminhada guiada pelos membros da família com o grupo de cicloturistas. Certificação das práticas e processos adotados nos estabelecimentos para a produção de alimentos.

Segundo relato das famílias participantes do projeto, os eventos de cicloturismo têm proporcionado o aumento de consumidores nas feiras agroecológicas. Outra questão interessante dos feirantes diz respeito à maior empatia com que se relacionam com os consumidores que estiveram em suas casas, estabelecendo novos vínculos de proximidade e maior confiança.

No que se refere aos ciclistas, observa-se um estreitamento das relações com os agricultores porque, além do momento da feira-livre, não são raros os casos de retorno de pessoas às propriedades visitadas fora do contexto dos eventos, tanto para fins turísticos como para comprar alimentos diretamente no estabelecimento.

O impacto na vizinhança também tem sido relatado pelas famílias que sediaram os eventos. Nos domingos tranquilos das comunidades rurais, a movimentação dos ciclistas chama a atenção dos comunitários, sugestionando a pergunta sobre o motivo pelo qual pessoas da cidade visitam propriedades que não utilizam agrotóxicos.

Ainda que hipotética, uma reflexão possível é de que os eventos de cicloturismo estão servindo como demonstração prática para que as comunidades rurais se apropriem da ideia de que o rural e a agricultura têm, além da produção, inúmeros outros valores que precisam ser conservados (CARNEIRO; MALUF, 2003).

Apesar de raros, ao longo do desenvolvimento do programa já aconteceram acidentes, o que tem sido contornado com certa tranquilidade em função de se possuir materiais de primeiros socorros, veículos de apoio e articulação com unidades de pronto atendimento, com destaque para a concessionária das rodovias federais que têm prontamente prestado socorro aos participantes que se acidentaram.

Atualmente, a equipe organizadora dos eventos vem estreitando relações com intenção de formalizar parceria com a concessionária das rodovias federais, além de ter feito tratativas para dar segurança aos participantes e suas bicicletas no que diz respeito a acidentes, o que ainda não se viabilizou. Apesar da dificuldade em equacionar plenamente a prevenção de acidentes e as garantias dadas aos participantes é um dos principais nortes que a equipe executora do projeto persegue atualmente, uma vez que a sustentabilidade do projeto é totalmente dependente desta questão.

Por se tratar de uma questão de difícil equação, a falta de garantias para os participantes pós-acidente fazem com que os membros da equipe executora invistam maior energia na prevenção, o que em certo limite é contraditório, uma vez que se está promovendo eventos que têm como um dos seus atrativos a prática de esportes de aventura. Mesmo assim, tem-se alertado os participantes a praticar baixa velocidade, com destaque para as inclinações descendentes acentuadas, o que gera certo desconforto por parte de alguns participantes que em sua maioria são ciclistas mais habituado à prática do MTB e estão mais predispostos a correr riscos.

No entanto, na experiência desenvolvida, esse não é o perfil dominante dos participantes, que na sua maioria são ciclistas urbanos, pouco habituados aos passeios rurais e mais predispostos à prevenção, o que de certa forma reduz a exposição ao perigo inerente das quedas.

De forma geral, o público se apresenta bastante heterogêneo, com destacada participação de estudantes universitários de graduação e pós-graduação, que buscam os eventos de cicloturismo rural para, além de lazer, obter conhecimentos da realidade do território.

Tal aspecto evidencia que o turismo local pode surpreender e atender a expectativas tanto daqueles que já conhecem a realidade, como daqueles que a estão visitando pela primeira vez, o que pode ser explicado pelo fato de os roteiros de cicloturismo rural aliarem aventura (MTB), aprendizado (produção agroecológica) e natureza (beleza das paisagens rurais) (EZEQUIEL; CARVALHO, 2014).

De forma sintética, pode-se dizer que a atividade cumpre múltiplas funções de geração de renda para as famílias agricultoras, relações de confiança entre agricultores e consumidores, aprendizado institucional entre instituições públicas, privadas e da sociedade civil, além de aproximar e gerar complementaridades entre movimentos sociais que

atuam em sintonia com as diretrizes do desenvolvimento territorial sustentável, como são os movimentos de ciclocidadania e mobilidade urbana e os movimentos de agricultores familiares agroecológicos.

Considerações Finais

Ao final de um ano e meio de realização dos eventos de cicloturismo rural agroecológico, observa-se que essas atividades têm cumprido a função projetada de gerar renda para as famílias rurais e conscientizar a atenção da população rural e urbana a respeito da produção e comercialização de alimentos agroecológicos como movimentos estruturantes do sistema agroalimentar do território.

Ao mesmo tempo, essa atividade reafirma a essas famílias a importância de outros bens e valores contidos nos espaços rurais, que, apesar de serem muito relevantes para a qualidade de vida da população do território, não têm sido remunerados.

Dessa forma, acredita-se que o projeto tem contribuído verdadeiramente para que essas famílias sintam-se recompensadas pelos serviços prestados em seus agroecossistemas e entorno, como a manutenção de saberes locais e a manutenção de elementos da biodiversidade, corpos de água e fragmentos florestais. Esse processo eleva a autoestima das famílias agricultoras agroecológicas frente aos seus pares, o que sinaliza para essas comunidades rurais o nascimento de uma nova agricultura.

No contexto urbano, pode-se perceber que as ações de cicloturismo rural agroecológico têm estimulado o fortalecimento do movimento de ciclocidadania e mobilidade urbana, uma vez que as atividades geram vínculos entre os ciclistas urbanos, o que propicia condições para o envolvimento e participação nos espaços de debate sobre o planejamento no que se refere à mobilidade urbana.

Assim, o projeto está contribuindo para o desenvolvimento territorial sustentável, estimulando boas práticas socioambientais, como a produção e consumo de alimentos agroecológicos, o estímulo ao uso da bicicleta como meio de transporte não poluente e que promove a saúde, além de aproximar e gerar complementaridades entre públicos rurais e urbanos, que ao se reconhecerem melhoram sua compreensão sobre o território existente e apontam caminhos para uma nova territorialidade.

Referências

ABRAMOWAY, R. Desenvolvimento territorial e capital social. In: SABOURIN, E.; TEIXEIRA, O. A. (Ed.). **Planejamento e desenvolvimento dos territórios rurais:** conceitos, controvérsias e experiências. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2002. p. 113-128.

ANJOS, F. S. dos; GODOY, W. I.; CALDAS, N. V. **As feiras-livres de Pelotas sob o império da globalização:** perspectivas e tendências. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, 2005.

BUCHWEITZ, S.; MENEZES, P. **O tempo compartilhado:** 25 anos do CAPA. Porto Alegre: Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor, 2003.

CARNEIRO, M. J.; MALUF, R. S. (Org.). **Para além da produção:** multifuncionalidade e agricultura familiar. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003. 230 p.

ECHEVERRI PERICO, R. **Ruralidade, territorialidade e desenvolvimento sustentável.** Brasília, DF: IICA, 2005.

EZEQUIEL, G.; CARVALHO, M. O turismo natureza como potenciador das singularidades territoriais: o caso do pedestrianismo em portugal. In: CRISTÓVÃO, A.; PEREIRO, X.; SOUZA, M. de; ELESBÃO, I. **Turismo**

rural em tempos de novas ruralidades. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2014. (Série Estudos Rurais).

FAVARETTO, A. A abordagem territorial do desenvolvimento rural – mudança institucional ou "inovação por adição"? **Estudos Avançados**, v. 24, n. 68, p. 299-319, 2010.

GUZZATTI, T. C. **O agroturismo como elemento dinamizador na construção de territórios rurais.** 2010. 281 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

PÉREZ-CASARINO, J.; FERREIRA, A. D. F. Agroecologia, construção social de mercados e a constituição de sistemas agroalimentares alternativos: uma leitura a partir da Rede Ecovida de Agroecologia. In: NIERDELE, P. A.; ALMEIDA, L. de; VEZZANI, F. M. (Org.). **Agroecologia:** práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura. Curitiba: Kairós, 2013. p. 171 – 213.

PUTNAM, R. D. **Comunidade e democracia**: a experiência da Itália moderna. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2005.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993. (Série Temas, 29).

SALAMONI, G.; WASKIEVICZ, C. Serra dos Tapes: espaço, sociedade e natureza. **Tessituras**, v. 1, n. 1, p. 73-100, 2013.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** 10. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados. 2000.

VEIGA, J. E. Destinos da ruralidade no processo de globalização. **Estudos avançados**, n. 51, p. 51-67, maio-ago. 2004.

Embrapa

Clima Temperado

CGPE 13369

MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO

BRASIL
GOVERNO FEDERAL